

ESPINOSA, VIDA E OBRA

FERNANDO DIAS ANDRADE*

Baruch Espinosa nasceu em Amsterdam, Holanda, a 24 de novembro de 1632, terceiro filho dos judeus portugueses Ana Débora Sénior e Miguel d'Espinosa, este um abastado comerciante na comunidade judaica de Amsterdam. Apesar de ali as instituições políticas serem calvinistas, permitiu-se a instalação de uma comunidade de imigrantes judeus, mais em razão de vantagens econômicas do que pela famosa tolerância religiosa da cidade. Cedo o pequeno Baruch demonstrou uma inteligência acima do comum, mas em seus estudos na escola judaica nunca chegou a ser direcionado para o rabinato (o sacerdócio judaico) porque a morte prematura do irmão mais velho forçou-o a acompanhar o pai nas atividades comerciais. E, ao mesmo tempo que demonstrava talento para o comércio, o adolescente Baruch lia tudo o que podia nas quatro línguas que já dominava: português (a língua materna), espanhol (a língua comercial), hebraico (a língua religiosa) e holandês (a língua civil). Em parte inspirado pelas discussões teológicas havidas pelos grandes rabinos da comunidade mas também pelos contatos comerciais com pessoas de outras culturas (que o fizeram descobrir a filosofia de Descartes), o jovem Baruch avançou sozinho no estudo de obras mais críticas do pensamento judaico e filosófico. Esta iniciativa, somada à sua própria originalidade intelectual e à ousadia de conviver com o círculo em torno de seu professor de latim, Franciscus van den Enden, resultou logo numa negação das posturas dogmáticas e irracionais do pensamento teológico, e aos 23 anos Espinosa foi denunciado por ateísmo e literalmente expulso da comunidade judaica. Aliviado por trocar a vida naquela comunidade fechada por uma nova vida junto a pessoas que dividiam seus mesmos interesses intelectuais, Espinosa continuou por algum tempo vivendo em Amsterdam, na casa de Van den Enden, onde rapidamente aperfeiçoou seus conhecimentos de latim (a língua científica da época) e fez as principais amizades que o acompanhariam vida afora – com pessoas de várias formações religiosas ou políticas, mas todos interessados na busca do conhecimento, na discussão de alternativas à política oligárquica de então e, em especial, admiradores de Descartes. Em 1661 começa a verdadeira e intensa produção filosófica de Espinosa, quando se muda para a cidadezinha de Rijnsburg, tranqüila o bastante para ele poder se concentrar em seus estudos (o que mais valorizava na vida) e também próxima o bastante de Leiden, cuja universidade visitava com freqüência e na qual tinha muitos amigos. Espinosa viveu apenas dois anos em Rijnsburg, mas o fato de ali poder se concentrar permitiu-lhe escrever o *Tratado da emenda do intelecto*, o *Breve tratado*, e os trechos iniciais do que seria a sua *Ética*, além de iniciar uma ampla correspondência voltada exclusivamente para questões filosóficas. Finalmente, para se sustentar, Espinosa passou a fabricar lentes de uso científico numa máquina por ele inventada, e chegou a dar aulas privadas sobre a filosofia cartesiana para um aluno instalado em sua própria casa (do que resultaria ainda outro livro – um dos únicos dois que publicaria em vida, e o único publicado com seu nome, em 1664 – *Princípios da filosofia cartesiana*, e seu apêndice, *Pensamentos metafísicos*). Já em 1663 mudou-se para a não tão pe-

* Doutor em filosofia, e doutorando em direito, pela USP. Professor adjunto de História da Filosofia na UNIFESP.

quena mas ainda tranqüila Voorburg, onde manteve sua atividade de polidor de lentes mas, principalmente, pôs-se a escrever suas duas principais obras: a *Ética* (agora cada vez mais sistematizada) e o *Tratado teológico-político* (iniciado em 1665 graças à inquietação de Espinosa contra as crenças supersticiosas que para ele impedem tanto a prática da filosofia quanto a prática da liberdade; e concluído e publicado anonimamente em abril de 1670 em parte como reação à tortura e assassinato de seu amigo Adriaan Koerbagh pelas autoridades civis). Espinosa, que já era tido como ateu antes de escrever o *TTP* por conta de suas críticas ao pensamento teológico já visíveis em seu livro sobre Descartes, a partir daí passaria a ser o pensador mais atacado em toda a história: imediatamente acusado de ateísmo e impiedade, pôs sua própria vida em risco perante as autoridades civis e teológicas, o que todavia em nada o motivaria a recuar em seu pensamento. Ao contrário, ainda em 1670 mudou-se para Haia (onde viviam os muitos amigos que continuavam próximos), e ali retomou e concluiu em 1675 sua obra maior, a *Ética*. Teve todavia o bom senso de deixar sua publicação em suspenso porque mesmo em ambientes mais “tolerantes” como Amsterdam o clima lhe era tão ou mais adverso do que em 1670, e assim tratou de se concentrar na retomada das questões políticas, escrevendo (agora contra os juristas) o seu *Tratado político*. Porém, sua saúde, que já era frágil, piorou graças ao contato do pó das lentes que fabricava, e Espinosa morreu de tuberculose a 21 de fevereiro de 1677. Como ocorreria com Mozart, Espinosa morreu jovem, foi enterrado numa vala comum (jamais encontraremos seu corpo) mas deixou uma obra que é, em seu campo, a jóia mais perfeita que a mente humana pode criar.

São Paulo, 21 de dezembro de 2006

Publicado na revista *Discutindo Filosofia*, maio 2007.

Publicado na internet em www.fdandrade.com/evo.pdf